

Competências Socioemocionais

Material de discussão

Índice

AMPLIANDO A FRONTEIRA DA EDUCAÇÃO.	4
Novos paradigmas para a educação.	5
O Brasil e a educação para o século 21.	6
O Instituto Ayrton Senna e a educação para o século 21.	7
DESENVOLVENDO COMPETÊNCIAS PARA O SÉCULO 21.	8
Políticas públicas educacionais para desenvolver competências para o século 21.	10
Práticas pedagógicas para desenvolver competências para o século 21.	14
A) Oportunidades de aprendizagem.	14
B) Relação professor-aluno.	19
AVALIANDO COMPETÊNCIAS PARA O SÉCULO 21.	21
Propostas de avaliação do Instituto Ayrton Senna.	22
Matriz de avaliação de competências socioemocionais.	23
Instrumentos de avaliação de competências socioemocionais.	24
- Avaliar para orientar políticas públicas	
Questionário Socioemocional SENNA	24
- Avaliar para orientar práticas pedagógicas	
Roteiro de avaliação socioemocional SENNA.	26
EDUCAR PARA O SÉCULO 21: UM DESAFIO COLETIVO.	28

Educação para o **Século 21**



AMPLIANDO A FRONTEIRA DA EDUCAÇÃO

Formar crianças e jovens para superar os desafios do século 21 requer o desenvolvimento de um conjunto de competências necessárias para aprender, viver, conviver e trabalhar em um mundo cada vez mais complexo. Entre os elementos desse conjunto, estão aqueles já reconhecidos e avaliados pelos sistemas educativos, como as competências relacionadas ao letramento, numeramento e aos diversos conteúdos disciplinares, mas também estão competências que, em geral, não fazem parte da atuação intencional das escolas, mas são igualmente importantes para o desenvolvimento pleno do ser humano.

De fato, enquanto se exige que os jovens concluam a educação básica sendo capazes de solucionar problemas de maneira colaborativa, pensar criticamente e fazer escolhas responsáveis, a ênfase do trabalho pedagógico ainda recai sobre o ensino das disciplinas tradicionais em uma perspectiva de acúmulo de conhecimentos e não de mobilização desses saberes para a compreensão e transformação do mundo e de si mesmo.

A Educação para o Século 21 exige a ampliação da fronteira do que se entende por aprendizagem e passa pelo desenvolvimento e avaliação desses aspectos que, hoje se reconhece, podem ser mensurados objetivamente e ensinados intencionalmente na escola. Para além do que se estabeleceu como meta para a educação no Século 20 **em termos de acesso aos estudos, permanência e sucesso escolar**, o que se espera para a educação no Século 21 a **tríade acesso + conclusão escolar + aprendizagem integral** e passa pelo reconhecimento de que o ensino, tal como vem sendo praticado, não está dando conta de reter as crianças e os jovens na escola e garantir aprendizagem significativa para uma vida plena no mundo contemporâneo.

Novos paradigmas para a educação

Diferentes setores – governos, empresas e sociedade civil –, universidades, pesquisadores e organizações internacionais – entre elas, agências das Nações Unidas e a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) – têm dirigido esforços para a construção de um corpo de conhecimento sobre a Educação para o Século 21, a partir da **identificação, do desenvolvimento** e da **avaliação** de competências que combinem as dimensões cognitivas e socioemocionais do aprendizado.

Uma das principais fundamentações internacionais que inspiram esse conceito de Educação para o Século 21 é o **Paradigma do Desenvolvimento Humano**, proposto pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) nos anos 1990, que, ao colocar as pessoas no centro dos processos de desenvolvimento, aponta a educação como oportunidade central para prepará-las para fazer escolhas e transformar em competências o potencial que trazem consigo. A ênfase recai em aspectos socioemocionais que capacitam as pessoas para buscarem o que desejam, tomarem decisões, estabelecerem objetivos e persistirem no seu alcance mesmo em situações adversas, de modo a serem protagonistas do seu próprio desenvolvimento e de suas comunidades e países.

Na mesma direção, o **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século 21, organizado por Jacques Delors**, sintetiza a Educação para o século 21 em quatro aprendizagens que concorrem para a formação de um ser humano mais preparado para enfrentar os desafios de um mundo com contornos ainda incertos. São elas: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer e aprender a fazer. Conhecidas como “quatro pilares da educação”, essas aprendizagens traduzem uma concepção integradora de educação, que pode ser aprimorada pela aplicação concreta em escolas e realidades locais.



O Brasil e a Educação para o Século 21

Nas últimas duas décadas, o Brasil apresentou avanços no indicador de **acesso** de alunos à escola em diferentes âmbitos, incluindo redes públicas e privadas, e ampliou de 82% para 92% o índice de jovens com idade escolar (entre 4 e 17 anos) matriculados em escolas entre 1997 e 2011¹. O país também deu passos importantes no debate sobre educação **integral**, com o estabelecimento de diretrizes, metas e programas tanto para a ampliação do tempo de permanência na escola, quanto para a qualificação dos processos de ensino-aprendizagem sob uma perspectiva integradora.

As avaliações nacionais, feitas em larga escala desde 1990, são submetidas frequentemente a aprimoramentos com o objetivo de se avançar no desenvolvimento de ferramentas que avaliam áreas do conhecimento. Todo esse cenário fez o Brasil conquistar inclusive reconhecimento externo por suas práticas de **avaliação** e pela expressiva (ainda que insuficiente) melhora no desempenho em testes internacionais de proficiência².

No entanto, é evidente que, apesar dos avanços nas últimas décadas, o Brasil ainda precisa trilhar uma longa trajetória para atingir a aprendizagem desejada (no PISA 2012, o país ficou em 58º em Matemática e 55º em Leitura entre 65 participantes), sem deixar de lado a necessidade de investir nas novas aprendizagens e nas novas maneiras de aprender e se relacionar com o conhecimento requeridas pelo mundo contemporâneo. O desafio é, portanto, olhar para o futuro sem descuidar dos déficits do passado, procurando caminhos para encurtar a distância que nos separa dos melhores sistemas educativos do mundo.

Um dos caminhos que vem se provando mais eficaz para fechar essas lacunas é o investimento nos **aspectos socioemocionais para alavancar a aprendizagem**. Pesquisas realizadas em diversas áreas do conhecimento – como educação, psicologia, neurociências e economia – revelam que o desempenho cognitivo dos alunos é beneficiado quando esse grupo decisivo de competências é acionado e desenvolvido de forma intencional. Valorizar e desenvolver essas habilidades não significa rejeitar a relevância dos conteúdos curriculares tradicionais, mas oferecer mais um canal de apoio para que todos os envolvidos no processo educativo possam planejar, executar e avaliar ações mais equitativas e eficientes. O desenvolvimento consciente e estruturado dessas competências na escola surge, portanto, como uma oportunidade valiosa para acelerar a melhoria da qualidade da educação no Brasil.

¹ Fonte: Todos Pela Educação/Pnad. ² O Brasil foi o terceiro país que mais melhorou em aprendizado entre 2000 e 2012 na avaliação do Pisa e, segundo relatório "Chegando a uma educação de nível mundial", lançado em 2010 pelos pesquisadores do Banco Mundial Barbara Bruns, David Evans e Javier Luque, o sistema de avaliação e monitoramento de resultados do Brasil é um dos mais impressionantes do mundo e supera práticas correntes em muitos países da OCDE, em quantidade, relevância e qualidade de informações.



O Instituto Ayrton Senna e a Educação para o Século 21

Em geral, as iniciativas que se propõem a introduzir inovações nas escolas são vistas como complexas, caras e dificilmente aplicáveis em escala. A experiência do Instituto Ayrton Senna, porém, tem mostrado que é possível construir soluções criativas e colaborativas com gestores educacionais para encontrar modelos que incluam inovações progressivas, sem perder o foco no horizonte desejado.

Após duas décadas de exitosa experiência no campo da Educação para o Século 21, o Instituto Ayrton Senna apresenta, neste documento, uma proposta de desenvolvimento e avaliação dos fatores socioemocionais associados ao aprendizado capaz de indicar práticas que podem ser desenvolvidas e aprimoradas em escolas e redes parceiras, com o objetivo de subsidiar a formulação de novas políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da educação integral.

DESENVOLVENDO COMPETÊNCIAS PARA O SÉCULO 21

O Instituto Ayrton Senna vem se dedicando a construir e a aprimorar continuamente estratégias educativas para que a Educação para o Século 21 ganhe aplicação concreta como políticas públicas, em escolas e salas de aula. Na sistematização dessas estratégias, o desenvolvimento de competências e habilidades tem mostrado papel decisivo para alavancar a aprendizagem dos alunos³, com resultados expressivos tanto para aqueles que já apresentam bom desempenho escolar quanto para aqueles que revelam proficiência insatisfatória ou que estão a ponto de abandonar a escola.

O primeiro passo para garantir o sucesso dessas estratégias é estabelecer quais competências devem ser priorizadas para serem trabalhadas no processo educacional. Apenas com essa definição a oferta educacional terá intencionalidade e efetividade, uma vez que esse conjunto de competências passa a direcionar as inovações no processo ensino-aprendizagem, englobando a transformação das práticas dos professores, gestores escolares e secretarias de educação.

Na visão do Instituto Ayrton Senna, é fundamental que a escola possa trabalhar com os alunos competências que englobem os seguintes aspectos cognitivos e socioemocionais:

- responsabilidade
- colaboração
- comunicação
- criatividade
- autocontrole
- pensamento crítico
- resolução de problemas
- abertura

³ Estudo elaborado pelo Instituto Ayrton Senna indica que estudantes com mais conscienciosidade (conjunto de características relacionadas a responsabilidade, organização e foco) apresentam em média 30% a mais de aprendizado em Matemática em um ano letivo quando comparados aos que têm menos conscienciosidade. A proporção é a mesma para o desempenho em Português quando se trata de alunos com mais abertura a novas experiências e protagonismo.

Competência : capacidade de mobilizar, articular e colocar em prática conhecimentos, valores, atitudes e habilidades, seja no aspecto cognitivo, seja no aspecto socioemocional, ou na interrelação dos dois

No aspecto da competência socioemocional: para se relacionar com os outros e consigo mesmo, compreender e gerir emoções, estabelecer e atingir objetivos, tomar decisões autônomas e responsáveis e enfrentar situações adversas de maneira criativa e construtiva. As competências socioemocionais priorizadas nesse contexto são aquelas que desempenham um papel crucial na obtenção do sucesso escolar e na vida futura das crianças e jovens.

No aspecto da competência cognitiva: para interpretar, refletir, raciocinar, pensar abstratamente, assimilar ideias complexas, resolver problemas e generalizar aprendizados.

As competências cognitivas não apenas refletem a amplitude do conhecimento adquirido ou a rapidez da aprendizagem, mas também representam a capacidade de “dar sentido” a uma situação e descobrir o que fazer diante de um novo problema. As competências cognitivas e as socioemocionais **relacionam-se estreitamente entre si**. As pesquisas revelam que alunos que têm competências socioemocionais mais desenvolvidas apresentam maior facilidade de aprender os conteúdos escolares. De fato, não é novidade para os educadores a ideia de que estudantes mais organizados, focados e confiantes aprendem mais, da mesma maneira que alunos mais persistentes e resilientes tendem a se comprometer com objetivos de longo prazo e a lidar melhor com frustrações e conflitos. Sabe-se, por exemplo, que o ato de aprender os conteúdos curriculares não envolve apenas competências ligadas à velocidade de raciocínio e à memória, mas exige também motivação e capacidade de controlar a ansiedade e emoções. A criatividade, por sua vez, envolve a capacidade de refrear formas tradicionais de pensamento e requer boa dose de autoestima e confiança.

Workmovie / Instituto Ayrton Senna



Para desenvolver esse conjunto de competências, é necessário trabalhar tanto no âmbito de **políticas públicas** educacionais, quanto no o uso de **práticas pedagógicas** que possibilitem estruturar e explicitar essas políticas durante o processo de aprendizagem em sala de aula. A seguir, detalharemos os principais passos em cada um desses dois âmbitos.

Políticas públicas educacionais para desenvolver competências para o século 21

Estabelecer um modelo de escola para o Século 21 que tenha como objetivo maior o desenvolvimento cognitivo e socioemocional demanda um cenário favorável em que as políticas públicas forneçam amplas diretrizes contemplando esses dois aspectos e que possibilitem ainda a implantação de inovações em escala. Isso implica considerar a coexistência, no mesmo território, de diferentes modelos de escolas, currículos e trajetórias profissionais (bem como de restrições políticas, orçamentárias e de infraestrutura) e exige o delineamento de soluções criativas e colaborativas para a construção de modelos flexíveis que já prevejam em seu projeto inovações progressivas até atingir escala em rede. Sinteticamente, o investimento na formação socioemocional no âmbito dos sistemas educacionais implica articular políticas públicas em:

1. Reestruturação dos currículos: diretrizes para incluir tempos e espaços que permitam componentes curriculares inovadores, bem como para dar tratamento integrador aos conhecimentos disciplinares entre si e destes com os anseios dos alunos. Tudo isso guiado por uma matriz de competências que estabeleça concretamente os resultados da aprendizagem, tanto cognitiva quanto socioemocional (alunos colaborativos, com pensamento crítico, capazes de resolver problemas).

Na sua maioria, as políticas educacionais atuais se traduzem em currículos que priorizam conteúdos disciplinares desarticulados entre si; é preciso reorganizar as propostas curriculares e dar a elas um tratamento integrador.

O principal fator de integração dos currículos é a definição de uma matriz de competências, que combine cognitivo e socioemocional, em torno da qual se organiza e ressignifica o ensino das disciplinas e áreas de conhecimento, complementado por um núcleo de componentes inovadores (ex: desenvolvimento de projetos de intervenção).



Léo Sanches / Instituto Ayrton Senna

2. Desenvolvimento de profissionais: políticas de seleção, contratação, formação e avaliação dos profissionais envolvidos, tanto docentes quanto gestores. No caso de professores, contratação em regime de dedicação integral à escola, com formação contínua e acompanhamento para lidar com inovações em suas práticas de ensino, incluindo avaliações de desempenho dos profissionais com consequentes feedbacks, orientações e práticas de desenvolvimento.

O tempo e a qualidade das interações entre professores e alunos são fatores críticos para o desenvolvimento socioemocional, assim como entre os docentes e os gestores escolares. A presença de professores integralmente dedicados à escola e comprometidos com um único projeto pedagógico, que possam conhecer a fundo seus alunos e acompanhá-los para além das aulas faz grande diferença para que, juntos, vivenciem, identifiquem e incorporem aprendizagens que ultrapassem os conteúdos do ensino convencional. Do mesmo modo, para que os professores incorporem inovações em suas práticas de ensino, precisam de tempo institucionalizado para estudar, planejar coletivamente e oferecer apoio aos alunos. Além disso, ao gerir aulas voltadas para o desenvolvimento pleno de crianças e jovens, com suas aprendizagens cognitivas e socioemocionais, os professores passam a exercer papéis que ultrapassam o de especialistas em conteúdo.

É preciso que a própria capacitação profissional, além de atualizá-los nas disciplinas (suprindo lacunas da atual formação inicial), integre as áreas de conhecimento, rompendo o isolamento e a fragmentação disciplinar, e ofereça metodologias que deem unidade às suas práticas de ensino, como as tecnologias digitais, a aprendizagem colaborativa, a presença pedagógica e a orientação de estudos.

Como suporte para que os professores lidem com todas essas inovações, muitas vezes se faz necessário oferecer a eles apoio estruturado para elaboração de planos de aula, na forma de referências, modelos, exemplos inspiradores e *coaching* pedagógico. Ou seja, que se estabeleçam práticas de acompanhamento e formação em serviço dos professores oferecendo o *feedback* necessário para a correção de rumos e tomadas de decisão que levem a melhorias no processo de ensino e aprendizagem.

Todo esse aprimoramento tem que estar associado também ao investimento na formação de gestores (de secretaria e escolares) para a condução do projeto de educação com foco na formação integral do aluno. A gestão pedagógica torna-se uma tarefa ainda mais desafiante, tanto pela concepção de educação e do novo currículo quanto pela articulação e apoio aos novos papéis das equipes, das famílias e dos próprios alunos: uma vez que o desenvolvimento socioemocional implica que os estudantes assumam posição como protagonistas diante de sua aprendizagem e da escola como um todo, distanciando-se da mera reprodução sem reflexão, este exige dos gestores um compartilhamento das lideranças e decisões (antes centralizadas).

LEMBRETE: Para acompanhar a execução do planejamento e a tomada de decisões, é importante que se estabeleça uma rede em cadeia de suporte à sala de aula e à escola, com a formação e fortalecimento de papéis intermediários (entre equipes de secretarias de educação, diretores escolares e coordenadores pedagógicos), que recebem apoio de gestores e são responsáveis por apoiar outros profissionais. Para tanto, pode-se instalar uma rotina de encontros (como tutorias) que favorecem a interação e a colaboração eficaz, de modo que todos possam ser parceiros e corresponsáveis pelos resultados.



3. Parâmetros básicos de funcionamento: estabelecimento de padrões para o funcionamento das escolas que adotam essas inovações. Essas condições e os contextos locais também devem ser previamente considerados para o planejamento de escalabilidade das inovações nos diferentes modelos de escola – integral, regular, profissionalizante etc.

Os parâmetros básicos de funcionamento para o trabalho que será desenvolvido dizem respeito à infraestrutura tecnológica (quais e como serão usados os recursos audiovisuais, o acesso à internet ou liberação de sites e redes sociais para uso educacional), ao acervo e estrutura das salas de leitura, aos laboratórios de ciências mais propícios à experimentação, às instalações adequadas para acolher alunos em tempo integral (número de alunos por turma, banheiro, refeitório, armários etc.) e inclusive ao tempo de planejamento e reuniões assegurado aos professores. No mesmo sentido, a gestão deve atentar para que a escola não realize práticas contraditórias com aquilo que exige do aluno (como descumprimento de horários, faltas injustificadas, trabalhos feitos sem planejamento ou acompanhamento inadequado etc.).

4. Avaliação: rotinas de avaliação integral da aprendizagem dos alunos, contemplando aspectos cognitivos e socioemocionais. Para mais detalhes sobre avaliação, consultar o capítulo seguinte “Avaliando competências para o Século 21”.

5. Institucionalização das inovações experimentadas em resoluções, portarias e decretos que normatizem as premissas e condições para sua implementação.



Cris Torres / Instituto Ayrton Senna

Educação para o Jovem do Século 21: a experiência da “Solução educacional para o Ensino Médio”

A Solução Educacional para o Ensino Médio é uma proposta inovadora que vem ampliando as fronteiras da qualidade educacional do ensino médio no Rio de Janeiro. Fruto de uma parceria entre o Instituto Ayrton Senna e a da Secretaria de Estado da Educação do

Rio de Janeiro, a Solução Educacional concretiza o grande desafio de traduzir as Diretrizes Nacionais Curriculares para o Ensino Médio em Diretrizes Operacionais.

A inovação trazida pela Solução Educacional para o Ensino Médio está centrada no tratamento diferenciado e integrado dado ao currículo escolar. Propõe-se ensinar os conteúdos curriculares a partir de uma matriz de competências para o século 21, flexível e customizável a diferentes modelos de escola – que combina competências cognitivas – como a resolução de problemas e o pensamento crítico – com competências socioemocionais – como a colaboração e a responsabilidade.

Para isso, as equipes da SEEDUC e do Instituto Ayrton Senna, associados a especialistas e pesquisadores, desenvolveram uma proposta de educação integral que inclui processos formativos e avaliativos diferenciados e a produção de guias pedagógicos que dão suporte para que os gestores, professores e alunos lidem com as inovações e as coloquem em prática.

Os materiais oferecem apoio estruturado aos educadores e estudantes trazendo referências, modelos, exemplos inspiradores para a elaboração dos projetos pedagógicos, planos de aulas e projetos educativos. Tudo isto fortalecendo a autonomia das escolas e o protagonismo dos educadores e alunos.

Experiências de validação na Rede Estadual de Ensino

Entre 2013 e 2014, dois ambientes foram escolhidos para validação da Solução Educacional para o Ensino Médio: o **Colégio Estadual Chico Anysio**, que conta com um currículo formulado para abraçar plenamente as inovações propostas, e outras 53 escolas de tempo integral, parceiras do **Programa Ensino Médio Inovador**, que tiveram suas matrizes curriculares parcialmente reestruturadas para incorporar componentes curriculares indutores de inovações. Nos próximos anos, estão previstas as ampliações para o ensino médio integrado à educação profissional e as escolas de tempo parcial.

Em julho de 2014, o Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro aprovou a deliberação 344 que normatiza as diretrizes operacionais construídas e validadas nessa experiência pioneira, como uma política para o Estado do Rio de Janeiro.

Práticas pedagógicas para desenvolver competências para o século 21



De forma coerente com essas políticas integradoras, as propostas de ensino que reconheçam o desenvolvimento socioemocional dos alunos como fundamental para sua aprendizagem integral devem provocar transformações nas práticas do cotidiano escolar. Essas transformações devem se manifestar em diferentes **oportunidades de aprendizagem** (tanto na criação de novas atividades quanto no planejamento e na condução das rotinas e ações que já têm lugar na escola) e, perpassando todos esses momentos, na **relação entre aluno e professor** (que deve ser vista como aspecto fundamental para o processo de desenvolvimento pleno). A seguir, esses dois contextos serão analisados detalhadamente.

A) Oportunidades de aprendizagem

Se a escola é parte indissociável do projeto de vida dos estudantes, por que aproveitar tão pouco a oportunidade de ajudar os estudantes a descobrirem paixões, interesses e sonhos que permeiam a escolha dos caminhos a seguir? Quando a escola se mostra capaz de preparar os estudantes para buscarem uma vida plena - para conquistarem melhores oportunidades produtivas, construírem relações sociais mais estáveis e realizarem projetos de vida -, ela ganha novos sentidos e significados para os alunos e suas famílias. Para isso, é preciso se valer de oportunidades e metodologias centradas no aluno e não mais no professor como transmissor de conteúdos. Dentre as principais oportunidades de aprendizagem para este trabalho, destacamos:



Atividades desafiantes: Oferecer propostas que representem um **desafio** ao aluno, cuja resolução não esteja abaixo de suas capacidades (a ponto de se tornar desinteressante), mas também não esteja muitos níveis acima (a ponto de se tornar impossível). Assim, o professor deve identificar as habilidades que o aluno está prestes a obter e desenhar as atividades de forma a estimular esse passo, envolvendo tecnologias digitais, projetos de aprendizagem etc. O princípio é elaborar uma situação singular (distinta de outras anteriores) que exponha os alunos a contextos complexos, com problemas pouco definidos ou abertos a múltiplas respostas e integrados a situações reais.

Na prática: O professor pode planejar uma atividade desafiante que seja estruturada como um exercício tradicional, mas com propósito e execução diferentes. Durante essa atividade, espera-se que os alunos, distribuídos em duplas ou times, debatam com entusiasmo e ativem competências como colaboração para resolver uma situação-problema que, diferentemente dos exercícios comuns, não deve ter resposta pronta ou facilmente localizável no material de apoio da aula (como apostilas). É possível que a atividade desafiante ocorra em apenas um momento da aula (por exemplo, ao encerrar o ensino de um determinado conceito ou etapa), ou então em uma sequência de aulas da mesma disciplina.

A dinâmica da atividade desafiante deve ser flexível, por isso não há um padrão único, mas um exemplo é a **“Hora do desafio”**, prevista nos cadernos do estudante e nas orientações de plano de aula para professores de matemática do programa SuperAção Jovem, na parceria do Instituto Ayrton Senna com a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, no Projeto Escola de Tempo Integral. Ao final de uma das etapas do 8º ano, por exemplo, a “Hora do desafio” propõe um enigma de cálculo que desenvolve a resolução de problemas não convencionais com várias soluções – cabe ao professor, inclusive, estimular os alunos a manterem a reflexão mesmo após acharem uma resposta, desafiando cada um a checar se ainda há outras possíveis.



Aprendizagem colaborativa: Ensinar contando com a corresponsabilidade entre os alunos, de forma que aprendam juntos, apoiando-se para enfrentar desafios que poderiam ser grandes demais para resolverem individualmente e conquistando crescente colaboração entre si e autonomia em relação ao professor. A prática exige o compromisso de todos os envolvidos com a aprendizagem e a avaliação dos resultados não deve ser a mesma para todos os componentes.

O princípio é que o professor tenha o papel do mediador que apoia o trabalho conjunto dos alunos, colaborando com eles, mas sem criar relação de dependência, ou seja, deve resistir ao impulso de oferecer a solução do problema e guiar o time a encontrar por si mesmo. Do mesmo modo, quando confrontados com os inevitáveis conflitos que as diferenças produzem no trabalho, os times são estimulados a buscar soluções.

Na prática: A metodologia da aprendizagem colaborativa pode ser praticada com alunos em duplas, trios ou times e em todos os momentos da aula ou mesmo numa sequência didática (um conjunto articulado de aulas). Diferentemente do tradicional trabalho em grupo, a atividade colaborativa exige que todos participem (por exemplo: cada aluno recebe uma informação e a solução ocorre somente após a troca de todas as informações).

Com essas atividades, também se altera a gestão da sala de aula e o contato dos alunos com o professor, já que, ao contemplar composições de times com perfis diferentes (agrupados não por “coleguismo” e sim pela composição de diversidade), a dinâmica permite uma visão mais individualizada sobre as necessidades e potenciais dos alunos.

O professor pode receber orientações sobre os melhores momentos e ferramentas para realizar uma atividade colaborativa, mas ela pode ocorrer em diferentes formatos e “pulverizada” durante a aula, não necessariamente apenas quando alunos estão sentados em grupo, por exemplo. Ou seja, ainda que ocorra em atividades pontuais (organizadas com intenção e orientadas), a colaboração é uma vivência que permeia todo o processo educativo.

Um dos caminhos para praticar a aprendizagem colaborativa é a rotatividade de líderes nos grupos: a cada etapa, um novo líder é eleito. O Guia dos Projetos, distribuído a alunos do 1º ano do Ensino Médio de alunos do Colégio Estadual Chico Anysio, por exemplo, orienta que a missão do líder é organizar o trabalho do time, distribuir tarefas e cuidar do tempo de forma a ajudar os colegas, enquanto que os liderados devem participar, aprender a negociar interesses e a colaborar, respeitando e trabalhando a favor das decisões que o time tomar.



Educação por projetos: Organizar intencionalmente situações para vincular os conhecimentos das várias disciplinas a problemas reais do cotidiano dos alunos, de maneira que eles precisem atuar em times de maneira colaborativa, manifestando atitudes estratégicas e envolvimento ativo em cada uma das etapas envolvidas na realização de um projeto: **mobilização** em função de um problema assumido como relevante para o time; **iniciativa** para propor ideias e soluções que enderecem adequadamente o problema; **planejamento** para antecipar situações, organizar e dividir responsabilidades; **execução** das ações ao fazer o projeto acontecer concretamente e realizar descobertas na prática; **avaliação** das experiências para aprender com os erros e acertos; e **apropriação de resultados** do projeto, identificando suas aprendizagens e podendo utilizá-las em outros contextos.

Na prática: A realização dos projetos ocorre sempre com os alunos em times e pode surgir de uma percepção dos próprios estudantes ou de um professor sobre uma necessidade da turma, da escola ou mesmo da comunidade ao redor, mas é preciso ser intencionalmente estimulada (a escola não deve esperar apenas a mobilização espontânea). Um professor sempre será orientador dos trabalhos, e, dependendo da necessidade, os alunos podem convidar outros professores como consultores quando o projeto exigir conhecimentos interdisciplinares.

Um projeto demanda várias aulas e pode durar meses, período no qual o professor também terá o papel questionador e de busca de perspectiva (por exemplo, sobre a viabilidade das soluções), ou seja, também atuará problematizando as soluções encontradas, alinhando expectativas, discutindo possibilidades de melhoria e orientando o planejamento das ações. O trabalho com projetos é também o palco do desenvolvimento da aprendizagem colaborativa e desafia os alunos a solucionarem problemas.

O foco dos projetos é o bem comum e deve responder a uma necessidade ou interesse da escola como um todo, não apenas de um aluno ou de um grupo pequeno. Parte, por exemplo, da questão: “como a escola pode realizar atividades mais instigantes para obter uma relação mais próxima com toda a comunidade escolar e, também, para melhorar o ambiente, a convivência e a comunicação entre os membros da escola?”. Na escolha do projeto a ser realizado, os alunos devem ter em mente a justificativa para ele e os resultados que querem alcançar.

Alguns possíveis enfoques para projetos incluem: melhoria da aprendizagem (grupos de estudo para troca de conhecimentos entre alunos); leitura na escola (estímulo à troca de livros entre membros da unidade); arte e cultura (programação permanente com festivais na escola), ou mesmo comunicação, esporte, saúde e meio ambiente.



Problematização: Ensinar fomentando continuamente a formulação de perguntas, a crítica, a reflexão e o debate ao invés da aceitação do conhecimento simplesmente transferido. Uma vez que a resolução de problemas deve ser uma meta de todos que ensinam, a problematização como metodologia de ensino é o recurso que integra todas as disciplinas e ações de ensino para o desenvolvimento dessa competência. É pela problematização, pelas boas perguntas que o estudante pode perceber de modo crítico a necessidade de novos conhecimentos com os quais possa compreender uma situação mais adequadamente.

Na prática: A partir de um bom problema inicial ou de um conjunto de boas perguntas é possível mobilizar os jovens a quererem saber mais. Tudo se passa como se eles assumissem para si a tarefa a ser respondida ou a situação a ser compreendida e, para isso, colocassem em ação suas forças e saberes. O “Guia do Investigador de Conhecimentos”, distribuído a alunos do Colégio Estadual Chico Anysio, apresenta um bom exemplo: em uma aula de geografia sobre o aquecimento global, o professor apresenta uma revista de ciência com uma reportagem intitulada “Debate aquecido”. Os alunos são estimulados a pensar: o que podem esperar desse texto? Que tipo de informação poderá trazer? Há duplo sentido no título da matéria? É possível deduzir as posições de cada grupo a partir do contexto? O que defende cada posição e que argumentos são usados para isso?



LEMBRETE: Planejamento e orientação continuam sendo fundamentais.

Introduzir inovações que alterem de forma significativa as aulas em que o professor fala e o aluno escuta não pode significar que o professor abra mão de estruturar o aprendizado dos alunos. O planejamento permite aos profissionais e aos alunos se posicionarem perante o processo de aprendizagem e de ensino: para onde queremos ir, onde estamos, como estamos indo e quem são os responsáveis pela sua execução.

Algumas recomendações:

1. Planejar as aulas com começo, meio e fim, considerando a gestão do tempo, dos recursos, das atividades, das diferentes necessidades e aspirações dos alunos e das aprendizagens a serem alcançadas.
2. Garantir que o planejamento ocorra em momentos coletivos e sistemáticos, pois as ações em sala de aula devem ser coerentes com o planejamento da área de conhecimento, da unidade escolar, com a proposta pedagógica e curricular e com a política de educação para a rede.
3. Envolver os alunos com os objetivos de aprendizagem da aula, acolhendo seus interesses e conhecimentos prévios e exigindo compromisso com o aprendizado.
4. Estimular e distribuir as falas, a participação e a liderança dos alunos nos momentos de aprendizagem coletiva ou em times.
5. Ter rotinas de acompanhamento que permitam observar a execução daquilo que foi planejado, sistematicamente, através de indicadores pré-estabelecidos.

B) Relação professor - aluno

Lunaé Parracho / Instituto Ayrton Senna



Mais do que ensinar, o professor do Século 21 inspira seus alunos a se descobrirem enquanto aprendem. Ao mesmo tempo em que transmite as disciplinas tradicionais – matemática, português, arte, educação física etc. – ou ainda matérias não convencionais – estudos orientados, projetos de intervenção, projeto de vida, iniciação científica etc. – é possível ajudar os alunos a conhecerem sobre o que gostam de estudar, como preferem aprender, o que os faz desistir, em que costumam errar, quais emoções os dominam quando fracassam ou são provocados, quais hábitos permitem gerir o tempo e as tarefas. Em especial, estimulá-los a descobrirem quais são seus sonhos e de que forma persistir em alcançá-los.

Para alcançar esses objetivos, é fundamental que a relação entre professor e aluno não se horizontalize e não se confunda com amizade ou paternalismo. É ocupando seu lugar como referência que o professor pode exercer o exemplo e presença significativa na vida dos alunos, ultrapassando a abordagem tradicional. Pode, então, tornar-se capaz de exercitar a **abertura** para influenciar e também ser influenciado pelas posições e interesses dos alunos, assim como a capacidade de trocar com **reciprocidade** percepções e feedbacks cotidianos que demonstrem vínculo com o jovem que está por traz do aluno e, mais importante que tudo, **compromisso** incondicional com seu desenvolvimento e sua aprendizagem.



Rodrigo Câmara / Instituto Ayrton Senna

Fábio Corrêa / Instituto Ayrton Senna

Boas práticas na construção de novos papéis: a experiência do Instituto Ayrton Senna nos anos iniciais do Ensino Fundamental:

ACOLHIDA: Ela começa logo no início da aula, quando o professor tem a oportunidade de mostrar a importância do comparecimento de cada aluno para o bom andamento do grupo e para a aprendizagem de todos. A acolhida tem os objetivos de dinamizar a aula, facilitar o relacionamento entre todos, resgatar o gosto e o prazer pela vinda à escola, além de permitir superar situações e fatos que tenham abalado emocionalmente a turma. A acolhida acontece por meio de diferentes estratégias, como brincadeiras, músicas e dinâmicas, e deve prevalecer ao longo do dia, com atitudes de respeito pelos avanços e dificuldades dos alunos, de estímulo frente aos impasses a serem solucionados.

LEITURAS: Mediante ações planejadas, o aluno é estimulado a ler de forma prazerosa, como um hábito a ser praticado durante toda a vida. Essas ações ocorrem durante todo o ano letivo e devem ser variadas: leitura em voz alta, leitura em duplas, troca de opiniões, dramatização de reconto das histórias etc. Seu objetivo é fazer com que o aluno acredite em seu discernimento, em seu direito de expressar e defender opiniões, em manifestar sua imaginação e criatividade etc. A construção de um “cantinho de leitura” é feita com a colaboração dos alunos e pode ter diversos formatos (caixa, prateleira, armário etc.) cujo valor simbólico contenha uma expressão do papel que a leitura representa para a cidadania.

PAINÉIS: O aluno tem papel ativo e registra seu desempenho em alguns dos indicadores de seu sucesso na aprendizagem, como a presença, a realização da tarefa de casa e a leitura de livros de literatura. Diariamente, possibilita compreender o fluxo das aulas como instrumento organizador da proposta curricular para um determinado período letivo.



AVALIANDO COMPETÊNCIAS PARA O SÉCULO 21

A avaliação e o monitoramento de competências, tanto cognitivas quanto socioemocionais, é uma etapa essencial do processo educativo sem a qual seria impossível determinar a efetividade das políticas públicas e das práticas pedagógicas, como tampouco identificar obstáculos, priorizar objetivos e replanejar ações ao longo da trajetória escolar. Tanto gestores quanto professores precisam dispor de informações precisas e confiáveis a respeito do grau de desenvolvimento dos seus alunos no que se refere à formação dessas competências para que possam estar aptos a desenhar intervenções mais efetivas e ajustá-las ao longo do percurso. Da mesma maneira, as famílias e a sociedade em geral precisam conhecer e entender os resultados dessas ações a fim de que possam cobrar pelo direito constitucional à educação e unir esforços com o Estado para melhorar a sua qualidade.

No entanto, apesar do crescente reconhecimento em torno da importância de uma educação plena, que dê conta do ser humano em sua integralidade, os instrumentos mais usados atualmente para avaliar os alunos e os sistemas educativos capturam apenas um aspecto do desenvolvimento humano: o aspecto cognitivo, entendido como resultado em testes de desempenho. A avaliação de aspectos de ordem socioemocional que impactam a aprendizagem fica restrita ao exame subjetivo de cada educador na sua prática pedagógica cotidiana.

Tendo em vista que a dimensão socioemocional é tão importante quanto a dimensão cognitiva para a formação de seres humanos plenos, além de contribuir para a melhoria do próprio desempenho cognitivo dos alunos, torna-se imprescindível revisar as práticas de avaliação de competências socioemocionais que sempre estiveram presentes nas salas de aula, nos conselhos de classe, nas reuniões de pais e em todos os momentos nos quais os estudantes são vistos para além da sua “nota na prova”. O objetivo dessa revisão não deve ser o de transpor para avaliação socioemocional os modelos de avaliação cognitiva de que dispomos, mas o de tornar a avaliação socioemocional menos subjetiva e mais transparente de modo que os seus resultados possam ser adequadamente apropriados por gestores, professores e pelos próprios alunos na sua tarefa de construir itinerários formativos e promover a aprendizagem.

Propostas de avaliação do Instituto Ayrton Senna

Fábio Corrêa / Instituto Ayrton Senna



O Instituto Ayrton Senna reconhece a importância da avaliação da aprendizagem em seus mais diversos domínios e vem se destacando há duas décadas por fornecer às administrações públicas, gratuitamente, serviços de gestão do processo educacional que incluem a análise dos dados oriundos dos sistemas avaliativos para subsidiar o planejamento das redes de ensino.

Com o objetivo de **ampliar o repertório de ferramentas de avaliação** que compõem esses sistemas - e contribuir, portanto, para a ampliação das fronteiras do que se entende por educação de qualidade - o Instituto está desenvolvendo um sistema de **avaliação de competências socioemocionais que integra a avaliação formativa e somativa dessas competências** às avaliações cognitivas existentes e possibilita, ainda, o cruzamento desses resultados com informações de contexto socioeconômico e ambiente de aprendizagem. O sistema, batizado de **SENNA (Social and Emotional or Non-cognitive Nationwide Assessment)**, será disponibilizado para apoiar gestores e educadores na tarefa de formular, executar e reorientar políticas públicas e práticas pedagógicas destinadas a melhorar a qualidade da educação no Brasil.

Matriz de avaliação de competências socioemocionais

Assim como todo processo avaliativo, a avaliação de competências socioemocionais requer a definição de uma matriz de referência na qual estejam explicitamente descritas todas as competências que se quer examinar. Tendo em vista que o sistema **SENN**A tem como objetivo subsidiar tanto políticas públicas quanto práticas pedagógicas, nossa matriz de referência contém a descrição dessas competências em diferentes níveis de abrangência/detalhamento, gerando informações úteis tanto para o trabalho dos gestores no macrouniverso das redes de ensino quanto para a prática dos professores no microuniverso das salas de aula.

Para isso, adotamos um modelo de classificação que reúne as competências socioemocionais em cinco grandes dimensões relacionadas ao desenvolvimento pleno do ser humano. Para cada uma dessas dimensões, são descritas as competências abarcadas e, para cada uma das competências, as atitudes observáveis em sala de aula. A tabela abaixo ilustra a estrutura da matriz com um exemplo para cada dimensão.

Dimensão	Estabelecimento e alcance de objetivos (Conscienciosidade)	Respeito e cuidado pelos outros (Amabilidade)	Sociabilidade e entusiasmo (Extroversão)	Abertura para o novo (Abertura)	Gestão das emoções (Estabilidade emocional)
Competência	Ex.: Responsabilidade	Ex.: Colaboração	Ex.: Comunicação	Ex.: Curiosidade	Ex.: Autocontrole
Atitude	Ex.: O aluno vai preparado para as aulas; permanece comprometido com seus objetivos mesmo que levem muito tempo para serem alcançados	Ex.: O aluno encontra soluções em meio a conflito com os colegas; demonstra respeito pelo sentimento dos outros	Ex.: O aluno participa ativamente; encara as atividades com entusiasmo	Ex.: O aluno demonstra interesse em aprender; faz perguntas para melhorar a compreensão	Ex.: O aluno permanece calmo mesmo quando criticado ou provocado

Instrumentos de avaliação de competências socioemocionais

Jaime Souza / Instituto Ayrton Senna



Avaliar para orientar políticas públicas – Questionário Socioemocional SENNA

No nível dos sistemas educativos, a mensuração das competências socioemocionais pode fornecer informações valiosas para promover a melhoria dos contextos de aprendizagem e garantir que estes sejam propícios para o desenvolvimento de competências (de acordo com a concepção aqui utilizada). Com essas medidas, os formuladores de políticas públicas poderão determinar de forma mais eficaz as prioridades da política educacional e as escolas poderão melhor adaptar as práticas curriculares e extracurriculares.

Para guiar formuladores de políticas públicas e gestores nessa tarefa, o Instituto Ayrton Senna elaborou, em parceria com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o primeiro instrumento escolar de mensuração de competências socioemocionais em larga escala no Brasil e está desenvolvendo um sistema de devolutivas especialmente desenhadas para o trabalho das (1) secretarias de educação, (2) regionais ou diretorias de ensino e (3) escolas.

Considerando-se que uma avaliação dessa natureza – destinada a oferecer informações em larga escala para políticas públicas - deve ser abrangente (de modo a incluir todas as competências que possam ser consideradas importantes em diferentes contextos) e comparável (de modo a permitir a comparação e troca de experiências entre diferentes sistemas educativos), essa ferramenta **oferece informações sobre as competências socioemocionais no seu maior grau de amplitude: as cinco dimensões socioemocionais especificadas anteriormente.**

⁴No campo da psicologia da personalidade, essas cinco grandes dimensões são chamadas de Big Five. O Big Five é um modelo de organização dos traços de personalidade que postula a existência de cinco traços gerais capazes de explicar grupos de comportamentos. Além de oferecer um modelo sintético de organização de competências socioemocionais, essa classificação fornece também uma linguagem comum que facilita a pesquisa e a troca de experiência entre gestores e professores de sistemas educativos ao redor de todo o mundo.

⁵Como esse instrumento é voltado para a coleta de informações em larga escala, de maneira a subsidiar políticas públicas, a devolutiva no nível dos alunos não está prevista. Devolutivas por aluno e por turma são o cerne da avaliação no nível da sala de aula, que será tratada adiante.

O que é o Questionário Socioemocional?

Desenhado para avaliações em larga escala, a ferramenta consiste em um questionário socioemocional aplicável a alunos do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. As questões que compõem o instrumento dizem respeito às atitudes, sentimentos ou percepções dos alunos em relação a si mesmos e só admitem uma resposta como mais adequada (não há alternativa “correta”, mas a alternativa com a qual o aluno mais se identifica). O questionário pode ser aplicado pelos próprios professores sem a necessidade de formação específica para a tarefa e podem ser respondidos durante o período de uma aula (cerca de 40 minutos).

Exemplo de questão do questionário socioemocional⁶

Caro aluno,

Você está recebendo um questionário que vai nos ajudar a saber mais sobre você. Não existem respostas certas ou erradas. Você deve responder com a maior sinceridade possível, pois as suas respostas são importantes para nos ajudar a melhorar a educação oferecida a você e a seus colegas.

INSTRUÇÕES

1. Marque as respostas das questões utilizando caneta esferográfica com tinta na cor azul ou preta, conforme mostra o exemplo abaixo:

QUESTÃO X:

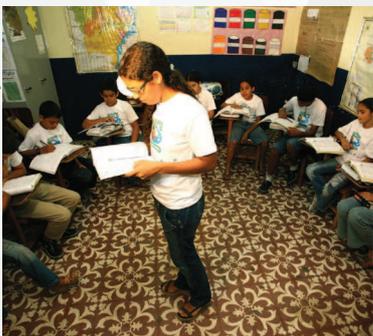


Avalie na escala abaixo o quanto você consegue:	1 Nada	2 pouco	3 mais ou menos	4 muito	5 totalmente
1. Fazer perguntas para compreender melhor um assunto.	<input type="checkbox"/>				
2. Colaborar com algum colega quando o observa tendo dificuldade.	<input type="checkbox"/>				
3. Apresentar disposição para atividades mais longas e complexas.	<input type="checkbox"/>				

⁶Os exemplos foram baseados nas questões reais, mas os textos foram alterados para preservar o instrumento.

Avaliar para orientar práticas pedagógicas - Roteiro de Avaliação Socioemocional SENNA

Roberta Guimarães / Instituto Ayrton Senna



Na sala de aula, a avaliação de competências socioemocionais constitui uma importante fonte de insumos para guiar a equipe pedagógica e os professores no processo de planejamento do percurso formativo dos estudantes, identificando dificuldades e calibrando desafios. Combinando a experiência dos professores em sala de aula com o resultado de pesquisas nacionais e internacionais, o Instituto Ayrton Senna elaborou um roteiro de avaliação de competências consideradas centrais para o processo formativo dos alunos.

O roteiro consiste em uma série de questões relacionadas às atitudes dos alunos que devem ser respondidas por seus professores. O preenchimento da ficha pode ser feito diretamente em um sistema que permite gerar devolutivas imediatas. Tendo em vista que uma avaliação desenhada para guiar a prática pedagógica em sala de aula deve ser o mais específica, concreta e detalhada possível, de maneira a oferecer informações bastante tangíveis a respeito da eficácia das ações do dia a dia escolar, esse instrumento oferece dados sobre as competências socioemocionais no seu maior grau de especificidade, tendo como indicadores as atitudes observáveis em sala de aula.

O que é o Roteiro de Avaliação Socioemocional?

Desenhado para avaliações formativas em sala de aula, o roteiro consiste em uma série de questões acerca das atitudes dos alunos que devem ser respondidas pelos professores⁷. As questões que compõem o instrumento dizem respeito aos comportamentos observáveis dos alunos e só admitem uma resposta como mais adequada (vide exemplo abaixo). A aplicação dessa avaliação só faz sentido em ambientes de aprendizagem nos quais são criadas as condições necessárias para a manifestação dessas atitudes, ou seja, ambientes nos quais as competências socioemocionais já estejam sendo intencionalmente desenvolvidas (não faz sentido, por exemplo, observar o comportamento colaborativo em um ambiente que não permite a colaboração).

Exemplo de questão do roteiro de avaliação socioemocional⁸

Colaboração	Nada	pouco	mais ou menos	muito	totalmente
O aluno demonstra interesse em atividades realizadas em grupo	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
O aluno tira sarro de outros colegas frequentemente	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
O aluno para de realizar a atividade quando esta fica difícil	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

⁷Também está sendo desenvolvida uma versão desse instrumento que permite autoavaliação dos alunos.

⁸Os exemplos foram baseados nas questões reais, mas os textos foram alterados para evitar possíveis influências nas respostas.



EDUCAR PARA O SÉCULO 21: UM DESAFIO COLETIVO

Não há dúvidas de que a educação no Brasil avançou muito nas últimas décadas, como não há dúvidas de que ainda temos um longo caminho a trilhar para oferecer às crianças e jovens não só acesso à escola, mas um **acesso acompanhado da permanência e de aprendizagem significativa para o século 21**. Nesse caminho rumo à Educação para o Século 21, será preciso olhar para o futuro sem descuidar de metas anteriores ainda não cumpridas.

Diante desse desafio, cabe perguntar o que fazer para alavancar os índices de desempenho tradicionalmente avaliados e, ao mesmo tempo, promover as novas aprendizagens. Ao que tudo indica, a abordagem socioemocional é um dos elementos fundamentais para se responder a essa questão. As pesquisas demonstram que essa dimensão é especialmente relevante para reduzir as desigualdades de aprendizagem dentro dos sistemas educativos e elevar a qualidade dos sistemas como um todo, além de ser imprescindível para a formação de cidadãos autônomos, solidários e produtivos, capazes de mobilizar os conhecimentos adquiridos para encarar os desafios de um mundo em constante transformação.

Para que o investimento nessa dimensão seja efetivo, será preciso atribuir à abordagem socioemocional um caráter **intencional e estruturado**, explícito tanto nas suas **formulações legais** quanto nos seus **princípios pedagógicos**. Essas formulações e princípios, por sua vez, devem se concretizar em **práticas pedagógicas e de gestão** que efetivamente cheguem à sala de aula e impactem a vida dos alunos.

O **Instituto Ayrton Senna** entende que o planejamento, a concretização e avaliação dessas propostas não dependem de um único ator nem se baseiam em uma visão unilateral do processo de aprendizagem. Ao contrário, defende que a melhoria sistêmica da qualidade da educação no Brasil depende da constituição de uma rede de gestores, professores, pesquisadores, organizações e famílias comprometidas com a aprendizagem das crianças e jovens. Como qualquer inovação em educação, essa melhoria é construída por meio de um processo, em diferentes fases e movimentos, e não nasce pronta ou como solução fechada. A abordagem das competências socioemocionais para a Educação do Século 21 é uma proposta que deve receber novas e constantes contribuições de todos os setores articulados.

O momento é propício para a formação dessa rede e o Instituto espera contribuir para os seus desdobramentos a partir da discussão das propostas apresentadas neste documento. A troca de experiências com todos os atores envolvidos no processo educativo é essencial para o contínuo aprimoramento dessas propostas.

Para mais informações, acesse: educacaosec21.org.br